

**GRÊMIOS LÍTERO-EDUCATIVOS TIJUCANOS E O AMBIENTE CULTURAL
DOS ESTUDANTES (1950-1960)**

Isaura Melo Franco
Universidade Federal de Uberlândia- UFU/CAPES
isaurafranco@hotmail.com

Sauloéber Tarsio de Souza
Universidade Federal de Uberlândia - UFU
sauloeber@pontal.ufu.br

Resumo: O presente texto faz parte de estudo vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado da Universidade Federal de Uberlândia-MG, linha de História e Historiografia da Educação. Temos como objeto de estudo o movimento estudantil no município de Ituiutaba-MG, corporificado pelas ações da União Estudantil de Ituiutaba (UEI), analisadas por meio de fontes impressas como os jornais e por testemunhos orais de ex-líderes deste órgão no período investigado. Assim nosso principal objetivo se constitui em identificar as principais práticas e representações relativas ao perfil desses estudantes nesse contexto. Em relação ao recorte temporal, fazemos referência inicial ao ano de 1952, quando ocorreu a fundação da UEI, logo o estudo se limita ao ano de 1968, pois até o presente momento, não encontramos nenhuma matéria jornalística dos anos de 1969 e 1970 referente às ações dessa entidade e ainda não colhemos nenhum depoimento de eventuais líderes estudantis em período posterior a este. No que se refere à metodologia, utilizamos inicialmente os periódicos locais por acreditarmos que o jornal é uma das principais fontes de informação histórica, sendo necessário que o historiador faça reviver as personagens do passado, procurando entendê-las em seu contexto (CAPELATO, 1988). Em relação à utilização do conceito de representação nesse estudo, recorreremos ao sentido atribuído por Roger Chartier (1990), o qual entende as representações como elementos de transformação do real e que atribuiriam sentido ao mundo. Assim a representação construída na relação entre o ser e o parecer, busca dar significados a realidade. Sobre a utilização da história oral concordamos com Paul Thompson (2002, p.137), o qual afirma que: “A evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também *mais verdadeira*”. Desse modo, esse estudo nos possibilitou desvendar as práticas e as representações de imprensa referentes aos

líderes estudantis da UEI. Fazendo-nos compreender que as representações de imprensa revelavam o desejo de afastar os estudantes dos rumores do contexto político autoritário, provocado pela ditadura militar. Em relação às ações e práticas executadas pela UEI percebemos que essa entidade nessas duas décadas apresentou mudanças em seus ideais políticos e sociais, já que cada diretoria tinha a vigência de dois anos, revelando-nos características de um movimento estudantil heterogêneo.

Palavras-chave:

O presente trabalho decorre de pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia-MG, linha de História e Historiografia da Educação.

Nosso principal objetivo constitui-se em desvendar aspectos referentes à cultura estudantil vivenciada pelos estudantes secundaristas participantes dos grêmios litero-educativos do município de Ituiutaba entre as décadas de 1950 e 1960.

O marco temporal deste estudo se deve ao fato de que esse período se caracteriza por ser um momento de intensa atividade dos organismos estudantis, de forma que essa categoria se projetou como elemento social atuante em nível nacional.

Desse modo buscamos valorizar as ações dos estudantes em uma cidade interiorana distante dos grandes centros, refletindo sobre o perfil dos clubes e grêmios *litero-educativos*, os limites e possibilidades de suas ações, por meio das representações de imprensa e por depoimentos com ex-líderes estudantis desse período.

Construímos nosso referencial teórico, também a partir do conceito de cultura escolar dentro de uma abordagem histórica, sendo entendida como um conjunto de normas que determinam conhecimentos a serem ensinados e condutas a serem incorporadas, e um conjunto de práticas que permitem a difusão desses conhecimentos e a inclusão desses comportamentos (JULIA, 2001).

Nesse sentido, projetando tal conceito sobre nosso objeto, acreditamos que a cultura estudantil é constituída por conjunto de práticas e princípios comuns aos grupos de estudantes localizados em determinados contextos espaciais e temporais, influenciando em suas ações e visões de mundo.

Acreditamos que a importância desse estudo se deve parcialmente pelo ineditismo do tema, já que a historiografia da educação brasileira ainda conta com

poucos estudos em relação ao desvendamento da cultura que circulava na educação secundária no período entre 1930 e 1960 (SOUZA, 2008).

Por consideramos a cultura estudantil como algo intrínseco a sociedade que a permeia, já que entendemos que a atuação dos estudantes não é um fato isolado na sociedade, destacaremos a importância do estudo do cenário político-social nacional da época analisada, tendo sempre em vista a relação entre micro e macro, pois acreditamos que o particular é expressão do desenvolvimento geral.

Na década de 1950, merece destaque o debate sobre nossa primeira LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) n. 4024/61. A discussão sobre esta se iniciou quando o ministro da educação e saúde pública do governo Dutra (1946-1951), Clemente Mariani, constituiu uma comissão para elaborar o anteprojeto da LDB, visando atender a um dos dispositivos da Constituição de 1946, que mencionava a competência da União para legislar sobre diretrizes e bases da educação nacional. Mas o então deputado e ex-ministro Gustavo Capanema, vendo no projeto a expressão de uma rivalidade política, elaborou parecer em 1949 que resultou no arquivamento do projeto. Somente em 1957, foram retomadas as discussões sobre este, marcadas pelo conflito entre escola pública e escola particular. Assim a promulgação de nossa primeira LDB ocorreu somente em 1961, representando o equilíbrio entre os defensores da escola pública e da privada. (SAVIANI, 2007).

Nos anos de 1960 destaca-se a chegada dos militares ao poder, por meio do golpe militar que impôs a deposição ao presidente João Goulart em 31 de março de 1964, ocorrendo uma ruptura política para a manutenção da ordem socioeconômica do capitalismo de mercado associado dependente.

Com a chegada da ditadura, o discurso progressista e revolucionário foi censurado pelo conservadorismo, pela voz da “Ordem”, da “Moralidade”, da “Pátria” e da “Família”, assim como é revelado a seguir:

[...] apesar da repressão e da censura, o país vive um período de efervescência cultural, notadamente na área da música popular e do teatro. A partir de 1965, têm início os festivais de música e com eles o surgimento de compositores como Chico Buarque de Holanda, Geraldo Vandré (cuja música ‘Pra não dizer que não falei de flores’ encarna o sentimento antiditadura dos estudantes de todo o país), Milton Nascimento, Gilberto Gil, Caetano Veloso etc. Como contraponto surge também Roberto Carlos – o ‘rei da jovem guarda’ – cuja música é mais comercial e desvinculada de preocupações

políticas. No teatro Millôr Fernandes, José Celso Martinez, Oduvaldo Viana Filho (Vianinha), Chico Buarque e outros foram responsáveis por espetáculos como o ‘Show Opinião’, ‘Liberdade-Liberdade’ e ‘Roda-Viva’ de forte cunho político. Contudo, o terrorismo de direita não dá sossego a esses grupos de teatro (GERMANO, 2005, p. 116).

Nesse cenário, o governo militar, com o objetivo de manter a ordem socioeconômica existente exerceu severa repressão contra a sociedade civil, inclusive contra o movimento estudantil acusado de perseguir ideais comunistas.

Em relação às fontes utilizadas nesse estudo, acreditamos ser necessária a problematização destas, revelando assim certas especificidades que são essenciais ao desvelamento de informações referentes ao nosso objeto de estudo. Já que, como afirmaram Clarice Nunes e Marta Carvalho (2005, p.29): “[...] é justamente no manuseio crítico das fontes que o pedagogo ganha a distância necessária para olhar de uma nova maneira a pedagogia, tornando-se, pela sua prática e pelo seu projeto, um historiador”. Assim o trabalho historiográfico é comparado a um ofício em que: “Ao fazer história é que alguém se torna historiador” (PROST, 2008, p.134).

Desse modo a reflexão sobre as fontes em história da educação nos remete a um olhar diacrônico, exigindo que o pesquisador por meio de uma crítica consistente dê sentido as experiências vividas no passado tornando-as compreensíveis no presente.

Nesse sentido, utilizamos os jornais como fonte primária de pesquisa, tendo como base a premissa de que estes representam um produto cultural de sujeitos específicos em determinado contexto histórico (AMARAL, 2011). Pois possibilitam a análise das manifestações da época de uma forma cotidiana, aproximando-nos de discursos que permeavam determinada conjuntura.

Consideramos primeiramente que os jornais veiculados por uma sociedade também participam do “processo civilizador” desta, defendido por Norbert Elias (1994), já que estes funcionam como veículos informativos com alto poder de civilização de costumes, por meio de anúncios, notícias, artigos, poemas e imagens divulgados nesses meios impressos que influenciam o público leitor ao desenvolvimento de certos modos de conduta aceitáveis em uma sociedade.

Nessa perspectiva, julgamos que os jornais impressos funcionam como meios educativos, considerando o sentido amplo de educação para além dos muros escolares

em um processo que envolve múltiplos aspectos vivenciados pela humanidade, pois como bem nos explica Raquel de Campos (2009, p.22):

[...] a imprensa não especificamente pedagógica faz circular perspectivas; informa; põe ordem no mundo; procura fixar sentidos e disciplinar conflitos; organiza relações; é o ponto de convergência de uma multiplicidade de falas; educa para uma certa maneira de ver; informa e coloca em forma o real; incorpora e promove práticas que legitimam e privilegiam alguns conhecimentos em detrimentos de outros, além, é claro de mediar o espaço público e o privado.

Dessa forma, acreditamos que a utilização dos jornais como fonte nesse estudo funciona como importante meio desvelador e aglutinador do imaginário social e de aspectos culturais que circulavam em determinados grupos presentes na sociedade tijuicana do período em questão.

De modo geral, acreditamos que assumir o jornal como fonte para a pesquisa histórica não significa pensá-lo como receptáculo de verdades. Ao contrário, deve-se pensá-lo a partir de suas intencionalidades, pois é uma fonte parcial, fragmentária e carregada de subjetividades.

Consultamos às coleções dos seguintes jornais: “Gazeta de Ituiutaba”, “Folha de Ituiutaba”, “Correio do Pontal”, “Correio do Triângulo”, “Cidade de Ituiutaba” e “Município de Ituiutaba”, todos com veiculação nesse período. Logo, foram analisadas mais de 530 notícias sobre o universo escolar entre os anos de 1949 e 1970.

Em seguida, utilizamos à história oral, por julgarmos que esta metodologia de pesquisa é um poderoso recurso para a investigação histórico-educativa, tendo em vista que esta: “[...] permite o registro de testemunhos e o acesso a histórias dentro da história e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (ALBERTI, 2006, p.155). Assim, acreditamos que à história oral é uma rica fonte para a pesquisa à medida que valoriza a memória dos sujeitos envolvidos em determinados acontecimentos sucessíveis de serem historicizados.

Desse modo realizamos entrevistas semi-estruturadas a um dos antigos proprietários e editores dos jornais pesquisados e a alguns dos ex-representantes do movimento estudantil local do período analisado. Levando em consideração o fato de que os sujeitos a serem entrevistados nesse estudo, se encontram atualmente em uma

faixa etária superior a 60 anos de idade, trabalharemos com a memória de pessoas idosas, considerando que:

[...] no estudo das lembranças das pessoas idosas [...] é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade (BOSI, 2007, p.60).

Nesse sentido, ponderamos que estudar a memória de pessoas idosas, as quais se ocupam mais conscientemente de seu passado, contribuirá para o desvelamento de fragmentos e representações que compõem o contexto investigado.

Em relação à análise de nosso objeto de estudo, as fontes utilizadas apontaram que nas décadas de 1950 e 1960, o município contava com várias agremiações estudantis pertencentes aos colégios locais, que eram o Instituto Marden, Colégio Santa Tereza, São José e Educandário Ituiutabano.

Observamos que as comemorações cívicas eram comuns no meio estudantil tijucano, como verificamos nas matérias: “21 de Abril no Educandário Ituiutabano – Educandário abre suas portas para que todos assistam a comemoração do dia 21 de Abril pelos estudantes”, do Jornal “Correio do Pontal” de 25/04/1958; e “Exaltada a memória de Tiradentes no Ginásio São José”, do Jornal “Folha de Ituiutaba” de 26/04/1958, a qual anunciava a realização de uma “festinha lítero-musical” dos alunos da instituição em comemoração ao dia de Tiradentes . Esperava-se do estudante sua dedicação integral aos interesses da pátria, elemento de sedimentação dos princípios da nação brasileira, juntamente com o fortalecimento da instituição familiar e a tradição cristã do povo.

A veiculação pela sociedade tijucana da época de valores morais, cívicos e patrióticos no meio estudantil, era um fator comum nesse período no Brasil que vivia a propagação da ideologia do nacionalismo desenvolvimentista, a qual estimulava a

valorização de princípios, características e símbolos nacionais para o desenvolvimento do país.

Constatamos que a maior parte dos dirigentes estudantis em Ituiutaba, era composta por estudantes do sexo masculino do ensino médio. As exceções eram os Grêmios “Lítero-educativos” divulgados a cada ano, pertencentes ao Colégio Santa Tereza, que era uma instituição confessional com cobrança de mensalidades, destinada à escolarização de estudantes do sexo feminino. Ainda nos anos de 1950 às mulheres era permitido muito menos que aos homens, não se via com *bons olhos* a atuação feminina na política estudantil, especialmente nas localidades interioranas e tradicionais.

Na cultura estudantil tijucana dos anos de 1950 e 1960 também estava presente à circulação de periódicos estudantis como os jornais: “A Voz dos Estudantes” do Clube Estudantil Rui Barbosa, “Tribuna Estudantil” da UEI, “Sentinela do Estudante” dos alunos dos colégios Santa Tereza e São José, além da coluna “Vida Estudantil” presente no jornal “Correio do Triângulo” no período entre maio a outubro de 1964.

Encontramos anexado ao Jornal “Correio do Triângulo” de 09/08/1964, um exemplar do jornal “Sentinela do Estudante”, apresentado como “porta-voz do Colégio São José”, em edição de agosto de 1964, ano dois, n. 3, em que estão anunciadas festas religiosas, homenagens dos alunos ao dia dos pais, ao aniversário de Ituiutaba que completaria 63 anos e aos padres. Além de colunas humorísticas em relação ao futebol, “Fatos e Boatos” sobre a vida pessoal de professores e alunos dos Colégios São José e Santa Tereza, palavras-cruzadas e diversos artigos sobre o posicionamento de alunos referente a normas de conduta aceitáveis pela sociedade tijucana da época.

Em análise desses pronunciamentos estudantis, nos chamou atenção o artigo: “O que eu penso das mulheres” escrito pela estudante Leila Maria do Colégio Santa Tereza, em que está explicitamente declarada uma concepção de educação feminina propagada desde o Brasil Colônia, favorável a formação moral das mulheres para serem mães e esposas, como podemos verificar a seguir:

Todo homem que se considera um candidato a felicidade, deve ter cautela na escolha de sua companheira e colocar em primeiro plano as qualidades morais da criatura e não as físicas: estas passageiras, aquelas a garantia do sêlo de uma perfeita felicidade conjugal, ao lar, ao esposo e aos filhos que vierem e que transformem sua casa num santuário onde o marido possa repousar ao regressar do trabalho,

enfim um misto de espôsa e mãe, uma mulher que compartilhe com o marido seus momentos de alegria e amargura e que não troque seu lar pelas futilidades do mundo (“Correio do Triângulo”, 16/09/1964).

Artigos como esse eram comuns no meio estudantil em outros estados brasileiros, pois refletiam uma concepção de educação moralizante presente no país nesse período, como afirma Souza (2008, p.200) em relação ao estudo sobre a cultura escolar da década de 1950 em São Paulo.

As representações sobre a mulher também aparecem nos jornais estudantis [...] e remetem ao lugar reservado a ela no lar, destacando suas virtudes e qualidades de mãe e esposa. [...] a empreitada da moralização é acentuada, tanto para mulheres quanto para homens, reproduzindo por assim dizer, as regras de conduta consideradas socialmente exemplares.

É necessário ressaltar que a educação da mulher para ser mãe e esposa, dentro de preceitos morais, era defendida por vários setores da sociedade brasileira, como a Igreja Católica e o governo que defendiam uma visão tradicional de família.

Outro artigo analisado foi “Amai-vos uns aos outros”, de José Rocha em que percebemos a emulação de valores cristãos para a disciplinarização das condutas dos jovens estudantes, no que se refere à relação professor-aluno, como é verificado abaixo:

São como um corpo os professores e alunos. Cada membro recebe as alegrias e tristezas [...] É necessário seguir uma linha de retidão que se abre à nossa frente ou corremos o sério risco de nos tornarmos coveiros da alegria na comunidade. Todavia o cúmulo do desaforo é querermos capacitar-nos de toda razão, e longe de arrependermos das faltas, culpar os outros; equivale a submeter o próximo as mais duras provações (“Correio do Triângulo”, 16/09/1964).

Percebemos que a educação moral estava em íntima ligação com princípios cristãos, como verificamos também em outros artigos presentes em jornais locais, dentre estes: “O Ensino – aproximação de Deus Celestial”, Jornal “Folha de Ituiutaba” de 17/06/1959 e “Educar os filhos quer dizer conduzi-los a Cristo”, mensagem do Colégio Normal Santa Tereza divulgada pelo Jornal “Cidade de Ituiutaba” de 16/09/1967. Com estas, podemos observar a veiculação de uma concepção de educação condizente com a formação de cidadãos cristãos.

Nos anos de 1960 também era freqüente na imprensa local a veiculação de artigos que valorizavam a exaltação do patriotismo entre os estudantes, como revelam

os seguintes: “De Rui Barbosa a Estudantes Brasileiros”, mensagem do jornal “Correio do Triângulo” de 17/05/1964, ressaltando a importância da propagação de ideais patrióticos no meio estudantil; e “Civismo na Universidade” do Jornal “Cidade de Ituiutaba” de 14/10/1967, o qual salientava a necessidade de veiculação de princípios cívicos e cristãos entre os estudantes para o afastamento do materialismo, de teorias subversivas e marxistas. Assim, observamos a difusão nesse jornal de ideais que visavam à conformação dos estudantes ao regime militar e à ordem social capitalista vigente, utilizando para essa finalidade a doutrina cristã. Tal discurso era comum pelas forças hegemônicas do país nesse período, visto que o golpe militar recebeu apoio das autoridades mais influentes da Igreja Católica, as quais temiam a instalação de presença comunista no Brasil.

De acordo com os depoimentos colhidos, a maioria das organizações estudantis do município, as quais restringiam-se ao nível secundário, apresentava o intuito de promover um maior entrosamento entre os estudantes secundaristas da cidade e região do estado de Minas, em atividades culturais e acima de tudo esportivas. Assim, nesse período havia torneios esportivos com jogos nas diversas especialidades como futebol, vôlei, basquete, *ping-pong*, entre outros. Além da troca constante entre os estudantes, de material cultural, livros, informativos e jornais, mas nada que apresentasse caráter subversivo ao sistema político autoritário vigente.

Nesse sentido, salientamos que as ocasiões em que os estudantes desenvolveram práticas culturais em sintonia com a comunidade local, superando o espaço escolar, como a atuação do movimento estudantil, os torneios esportivos, as festas cívicas e a imprensa estudantil, representaram importantes possibilidades de socialização para os alunos secundaristas do período em questão.

É importante ressaltar que de acordo com os depoimentos colhidos, a grande parte dos estudantes representantes dos grêmios estudantis em Ituiutaba pertencia a um grupo seletivo da sociedade ituiutabana, em sua maioria, a classe social privilegiada com preocupações pequeno burguesas¹. Realidade esta comum a nível nacional, visto que neste período mesmo havendo um crescimento significativo no número de vagas no

¹ Em Ituiutaba na década de 1950, do total de 43.089 habitantes maiores de 5 anos de idade, 24.609 eram analfabetos, ou seja 57,35% da população representada por 12.608 mulheres e 12.101 homens, o que correspondia respectivamente a 60,75% das pessoas do sexo feminino e 54,19% do sexo masculino. (Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. 1959, p.308 *apud* Frattari Neto, 2009). Fato que demonstra neste período o maior acesso da população masculina a escolarização.

sistema educacional, o acesso à educação escolar se restringia a uma pequena parcela da sociedade brasileira, como demonstra o quadro abaixo:

Brasil	População de 5 a 24 anos	Matrículas	Taxa de Escolarização (%)
1950	23.817.548	4.826.885*	20,26
1960	32.038.353	8.728.631	27,24
1970	57.401.432	17.323.580**	30,13

* Dados de 1949.

** Excetuam-se extensão universitária, pós-graduação e pré-vestibular.

Fontes: Estatísticas da Educação Nacional, 1960-1971, MEC. E. Werner Baer, op.cit. *apud* Romanelli, 1999, p.80.

Este estudo nos possibilitou desvendar parte do cotidiano e das sociabilidades escolares que deram forma a cultura estudantil presente em Ituiutaba-MG nos anos de 1950 e 1960 como: a escolha da diretoria das entidades estudantis locais, que aconteciam na maioria das vezes por eleições que tinham destaque nos jornais da época; a valorização cultural da divulgação dos trabalhos dos estudantes e de professores, assim como o prestígio social dos estudantes dos níveis secundário e universitário; a propagação de ideais cívicos, patrióticos, morais e cristãos no meio estudantil em Ituiutaba; o perfil das entidades estudantis do município que apresentavam caráter social e desportivo, com a valorização do exercício esportivo, a promoção de ações culturais e a preocupação com causas assistencialistas.

De modo geral, podemos afirmar que o ambiente cultural dos estudantes secundaristas nesse contexto foi marcado pela presença de práticas comuns à ideologia educacional presente no Brasil desde o Estado Novo, nos anos de 1930 até a década de 1960, a qual tentava garantir um novo sentimento de nacionalismo nos alunos, por meio da difusão de ideais cívicos e patrióticos.

Esperamos que este trabalho possa contribuir com a História da Educação regional e nacional, trazendo novas possibilidades de interpretações para a comunidade acadêmica, por meio das especificidades encontradas nesse estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

AMARAL, G. L. do. As passeatas estudantis: aspectos da cultura escolar e urbana. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, SBHE. Ed. Autores Associados, Campinas-SP, V.11, n.2, 2011.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

CAMPOS, R. D. **Mulheres e crianças na imprensa paulista**: educação e história. São Paulo: UNESP, 2009.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. Capítulo Um – Da Sociogênese dos conceitos de ‘civilização’ e ‘cultura’, p. 21-64.

GERMANO, J. W. **Estado Militar e educação no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto historiográfico. Tradução: Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**. São Paulo, 2001, n. 1, p. 9-44.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta. Historiografia da educação e fontes. In: GONDRA, José Gonçalves. (Org.). **Pesquisa em História da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROMANELLI, O. de O. *História da educação no Brasil (1930/1973)*. 23. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas-SP: Autores Associados, 2007.

SOUZA, R. F. de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX**: ensino primário e secundário no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.